Perambulando no deserto de La Loba: o resgate da natureza feminina

Gisele Gotardi Gomes
Debora Cestaro da Cunha

RESUMO

Nesta vivência abordaremos o Conto de “La loba”, apresentado por Clarissa Pinkola Estés em seu livro: “Mulheres que correm com os lobos”. O conto aborda a história de uma velha que vive num lugar oculto no deserto, recolhendo ossos. Ela é conhecida por muitos nomes, em diversos **territórios** e culturas como: “La huezeira”, “A mulher dos ossos”, “La trapeira”, “La loba” e “Mulher-Lobo”. Estés (1992) explica que o arquétipo de “La Loba” ou Mulher Selvagem, representa a imagem simbólica do feminino ancestral e instintivo, anterior à domesticação feminina. O arquétipo da Mulher Selvagem constitui a natureza inata às mulheres e que ao longo dos séculos foi fragmentada e devastada, com seus ciclos naturais destruídos, transformados à força em ritmos artificiais para agradar aos outros. O eixo central da proposta está na imagem “recolher os ossos”, metáfora que expressa o resgate das partes perdidas da psique feminina. No plano simbólico, o deserto configura-se como representação das vivências de perda, silenciamento e desconexão de si. Já, o recolhimento dos ossos, simboliza o movimento de reintegração psíquica por meio do qual, dons esquecidos, afetos reprimidos, direitos inatos e dimensões essenciais do ser feminino podem voltar a ganhar voz, forma e vitalidade. O objetivo desta vivência é por meio do conto de “La Loba”, acessar e reconectar partes da psique feminina natural que foram perdidas, de forma simbólica no palco psicodramático. A metodologia usa a força do conto, para sair do raciocínio lógico, acessando camadas mais profundas e sensíveis da experiencia humana. Para Estés (1992) as histórias são bálsamos medicinais e dispositivos de transformação que abrem acesso à cura, pois elas trazem as instruções que nos orientam a respeito das complexidades da vida humana, resgatando

memórias. Trata-se de uma vivencia com base no sociopsicodrama voltada para mulheres e ou pessoas que se identificam com o gênero feminino. A vivência seguirá as etapas psicodramáticas. No Aquecimento Inespecífico utilizaremos um cenário acolhedor por meio de recursos reais, simbólicos e imaginários, como a simulação de um deserto, vários objetos cênicos. No Aquecimento Específico, a co-diretora, no papel da "velha" irá interagir com as participantes, narrando o conto e convidando-as para uma caminhada "no deserto" recolhendo os ossos. Pediremos para se escolherem sociometricamente em subgrupos e partilharem entre si o que consideram estar perdido e gostariam de resgatar na vivência. A Dramatização se dará com a apresentação dos subgrupos. Finalizaremos com o Compartilhamento Grupal e o Processamento Teórico. A **transformação** esperada nesta vivência será de desenvolver no grupo uma maior espontaneidade e criatividade frente aos desafios do ser mulher no mundo contemporâneo, favorecendo o processo de reconstrução identitária e integração psíquica. Busca-se ainda, contribuir para a reflexão crítica sobre as conservas culturais patriarcais a fim de desenvolver uma sociedade mais igualitária e justa para todos os gêneros.

Palavras-chave: Psicodrama. Conto. Psique feminina. Feminino. Arquétipo.